Revista Illustrada de Portugal e do Extrangeiro

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)..	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

14.º ANNO — VOLUME XIV — N.º 445

1 DE MAIO DE 1891

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO

Lisboa L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados de seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do Occidente, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

JOSÉ ELIAS GARCIA — Fallecido em 21 de abril de 1891

(Segundo uma photographia de E Biel & C.a)

CHRONICA OCCIDENTAL

Na minha ultima chronica descrevi um enterro imponentissimo que foi um acontecimento em Portugal, o enterro de Silva Porto e hoje tenho tambem que começar esta chronica pela noticia d'outro enterro, que não foi menos imponente e menos concorrido que o do illustre africanista, o enterrro de José Elias Garcia.

Profundamente sympathico a toda a gente pelo seu notavel talento e pelo seu honrado caracter, querido de todos pelas suas altas qualidades de intelligencia e de coração, José Elias Garcia, o velho republicano, que era uma das mais antigas e das mais brilhantes illustrações do partido republicano portuguez, viveu cercado da estima, da amizade, do respeito de correligionarios e de adversarios politicos, morreu chorado por uns e por outros, desceu á cova acompanhado por um prestito enorme em que iam largamente representadas todas as classes da nossa sociedade, todos os partidos em que se devide o nosso mundo politico.

O enterro de José Elias Garcia foi uma eloquentissima e brilhante homenagem prestada por uma cidade inteira a um homem illustre, a um cidadão prestante, a um professor notavel, a um parlamentar distinctissimo, a um jornalista prestigioso, a um politico que encontrou na sua poderosa intelligencia e no seu impolluto caracter o segredo de passar toda a sua vida na brecha, quer no parlamento, quer no comicio, apostolando ferverosamente um ideal politico, que, se encontra adhesões enthusiasticas, encontra tambem resistencias energicas, combatendo valentemente ha muitos annos todos os partidos politicos que se tem succedido no poder, e viver com a consideração e a estima de todos os seus adversarios, e morrer com as lagrimas de todos aquelles que elle mais energicamente combatera.

Este facto define completamente o homem, mostra bem a grandeza d'aquelle bello caracter e d'aquelle formoso espirito.

José Elias Garcia morreu novo ainda e o seu robusto organismo oppôz á morte uma resistencia tenaz.

Poucos dias antes de morrer andou elle ainda a passear com um dos seus mais intimos amigos, um republicano de grande talento e de grande caracter como elle, o sr. Gomes da Silva, que lhe queria como um irmão amantissimo e a quem José Elias Garcia era particularmente affeiçoado.

A doença por fim triumphou apesar de todas as dedicações que se agrupavam em torno do leito de José Elias procurando defendel-o da morte, a despeito de todos os esforços empregados pela sciencia impotente ante a fatalidade terrivel d'aquelle mal implacavel, mas o que ella não conseguiu foi apagar aquelle espirito tão brilhante e tão lucido, que só a morte foi capaz de extinguir.

Até ao ultimo momento Elias Garcia conservou a plena posse de todas as suas faculdades intellectuaes e mesmo já quando a paralysia lhe não permittia fallar, quando os seus olhos já não viam, aquella intelligencia funccionava ainda, pela obediencia com que executava o que lhe diziam os medicos, pela insistencia bem significativa com que apertava a mão dos seus mais intimos amigos, que o acompanhavam n'esse momento supremo.

Ao lado do pobre doente velou dia e noite o carinho e a dedicação extremosissima de sua esposa, e póde-se dizer que elle foi feliz porque morreu sem soffrimento doloroso, e morreu nos braços d'aquelles que mais lhe queriam e a quem mais queria no mundo.

O enterro de José Elias Garcia realisou-se na quinta feira da procissão da saude, ás duas horas e meia da tarde, sahindo o prestito do *Hotel Atlantico*, onde elle residia, para o cemiterio do Alto de S. João.

Esse prestito foi um verdadeiro cortejo civico, como o fôra o enterro de Silva Porto, cortejo em que se encorporaram em grande massa monarchicos e republicanos esquecendo se das suas luctas para chorarem juntos o homem illustre e querido que ia descer á cova.

As ruas do transito, — e era bem longo esse transito — estavam todas cheias de gente e no cemiterio era quasi impossivel entrar, tão grande era a multidão que lá se acotovelava para vêr encerrar o feretro e para ouvir os discursos que á beira do tumulo pronunciaram varios collegas e amigos do chorado morto.

*
* *

Uma novidade graciosa e original entre as exposições artisticas que n'estes ultimos annos se tem realisado em Lisboa: — uma exposição de leques.

A honra da iniciativa pertence ao nosso bom amigo e illustre inspector da Academia Real de Bellas Artes de Lisboa o sr. conde d'Almedina.

A exposição inaugurou-se no domingo no Museu de Bellas Artes, ás Janellas Verdes, com a assistencia de Sua Magestade a Rainha a Sr.ª D. Amelia e de muitas damas das mais distinctas da primeira sociedade de Lisboa

A exposição é riquissima e entre os leques expostos ha muitos de grande valor e de alta elegancia.

Para avaliar da importancia dos leques expostos basta citar os nomes das senhoras que os expõem que são:

S. M. a Rainha D. Amelia, S. M. a Rainha D. Maria Pia, duqueza d'Avila e Bolama, marqueza da Foz, Marqueza de Rio Maior, Marqueza da Praia, condessa de Burnay, condessa de Penalva d'Alva, condessa de Mesquitella, condessa de Thomar, condessa de S. Januario, condessa de Almedina, condessa de Gouveia, condessa de Valbom, Viscondessa de Roboredo, viscondessa de Coruche, viscondessa de Falcarreira, baroneza de Samora Correia, D. Herminia d'Araujo, D. Mathilde Anjos Pindela, D. Julia e D. Luiza Rebello da Cunha, D. Clementina Ogando, D. Maria José Macieira de Resende, D. Alice Munró Anjos, D. Laura Peters, D. Fanny Munró, D. Emilia Guerra da Silva, D Capitolina Vianna, D. Henriqueta de Carvalho, D Luiza da Costa Cabral, D. Marianna Araujo Santos, D Thereza Bocage, D. Clementina Munró, D. Carolina de Carvalho, D. Rufina Iglesias, D. Francisca de Figueiredo, D. Anna Andrada, D. Rosa Balya e Serra, Madame Braamcamp, Madame Pires, Madame Araujo, actriz Lucinda Simões.

Entre os expositores figuram com leques e objectos d'arte de subido valor os srs. conde de Daupias, marquez da Praia, conde d Almedina, Cunha Porto, Dr. May Figueira, Carlos Munró, Ventura Pereira.

Os leques que as duas rainhas offereceram para a exposição são formosissimos, de grande valor artistico tanto pelos seus pannos como pelas suas varetas.

Entre os leques pertencentes aos srs. condes de Almedina ha um de varetas de tartaruga com o panno pintado pelo sr. conde, e que além do seu alto valor artistico tem tambem um alto valor litterario pois tem versos autographos de João de Deus, Fernando Caldeira, Bulhão Pato, João de Lemos, Serpa Pimentel, Pedro Diniz, Francisco Palha, Christovam Ayres e a seguinte quadra de Franco Coisppée, o grande poeta do *Passant*:

« Il a des ailes comme l'ame
Il brille comme le rayon,
Et sans son eventail, la femme
Est la rose sans papillon »

Como se vê a exposição é interessantissima e tudo o que ha de elegante em Lisboa irá com certeza visital-a.

Recommendamos entre esses montões de preciosidades um leque exposto pela sr.ª D. Herminia de Araujo e que pertenceu á rainha D. Carlota Joaquina.

Esse leque é de grande valor: as varetas são d'ouro, guarnecidas de perolas: n'uma tem uma pequena caixa de musica, n'outra um relogio.

A exposição de leques está tendo um grande successo entre a alta sociedade lisboeta.

*
* *

Inaugurou-se na quarta feira 29 d'abril a 5.ª série de concertos de musica de camara dados pelos illustres artistas Ruy Collaço, Victor Hussla, Filippe Duarte, Alfredo Gazul e Cunha e Silva.

Os concertos este anno são no salão de S. Carlos e a serie é de quatro concertos que se realisarão a seguir, de oito em oito dias.

O exito d'estes concertos é enorme e no pequeno numero muito restricto de entendidos e de delicados amadores de boa musica a quem são dedicados, e constituem um verdadeiro regalo artistico para os verdadeiros *grumetes*.

*
* *

Tem preoccupado muito toda a gente que se occupa de coisas de theatro a crise muito séria que se deu ultimamente no theatro de D. Maria.

Espalhou-se a noticia, e era verdadeira, que sahiam do theatro João e Augusto Rosa e Eduardo Brazão.

A sahida d'estes tres illustres artistas, no seu genero os primeiros da nossa scena fez profunda sensação e toda a gente perguntou assustada se de facto assim era, o que seria do primeiro theatro portuguez.

A imprensa occupou-se detalhadamente d'esta crise theatral chamando para ella a attenção do governo, que de facto não podia nem devia cruzar os braços em frente d'ella e deixar de intervir desde o momento que estava em jogo o futuro do nosso theatro e da arte dramatica portugueza.

Tencionavamos tambem hoje referir-nos largamente a essa crise, e dissermos com toda a sinceridade e franqueza o que sobre o assumpto pensamos, mas felizmente sabemos que a crise está conjurada e que se trata d'uma composição entre os artistas societarios do theatro de D. Maria.

Será de longa dura essa composição? Não o sabemos e em todo o caso n'uma das nossas proximas chronicas occupar-nos-hemos detidamente d'essa crise, que qualquer composição não póde senão addiar e que demanda serio e attento estudo da parte d'aquelles a quem compete velar pelos interesses da nossa arte dramatica, arte a que o paiz deve tantas e tão brilhantes glorias.

*
* *

Depois de atravessar uma serie, que parecia interminavel, de contrariedades, de transtornos e de contra-annuncios, o *Alcacer-Kibir* o magnifico drama de D. João da Camara chegou finalmente á sua decima quinta recita, de homenagem ao auctor.

Ha muito tempo já que esta recita se devia ter dado, com o successo enorme e merecidissimo que a peça teve, se não fossem successivas doenças de varios artistas que interromperam por mais de quatro vezes a carreira brilhantissima do formoso drama.

Felizmente os obstaculos venceram-se e João da Camara teve na noite de 29 de Abril a sua festa, uma festa explendida a que assistiu tudo o que ha de mais illustre na nossa sociedade a começar por Suas Magestades El Rei D. Carlos e a rainha D. Amelia.

O theatro apresentava um bello aspecto alegre e festivo e D. João da Camara teve uma ovação colossal, enthusiastica de todo o ponto justissima do seu excepcional talento,

Repetimos aqui os parabens que n'essa mesma noite demos ao glorioso auctor do *D. Affonso VI* e do *Alcacer-Kibir*, agourando-lhe muitas noites triumphaes como a de hontem, que é d'essas noites que nnnca mais esquecem.

Gervasio Lobato.

JOSÉ ELIAS GARCIA

Devemos encarar este homem notavel como propagandista e como cidadão.

Ninguem, como elle comprehendia e cumpria melhor os seus deveres de homem superior, de homen eminente Era incapaz de fazer sentir fosse a quem fosse, a sua incontestavel superioridade.

Quem fallasse com elle ficava impressionado pela simplicidade da sua apresentação, o tom prasenteiro, lhano, com que Elias Garcia tratava os que o procuravam

E ficava impressionado porque hoje ha por ahi tantos senhores da alta sociedade, cuja altura nós conhecemos de mais, e onde não se encontra senão *protecção*, esmola...

Dar, parecendo pagar, é uma sciencia que pouca gente conhece, tinha-a, porém, Elias Garcia.

E eram estas raras qualidades do homem que se affirmavam no professor, no militar, no jornalista, no orador e no politico.

Poucos podem fallar como o signatario d'estas linhas, porque nunca deveu a José Elias Garcia cousa alguma, a não ser o melhor agrado em recebel-o, e uma permanente benevolencia em acolhel-o

Como cidadão foi exemplar. Como propagan-

dista do seu ideal politico, melhor diriamos philantropico, acolhia todos os progressos sociaes, queria o estabelecimento de uma republica ordeira, instruida, e sobre tudo generosa. Não queria a republica proclamada de assalto, como conquista de guerra. Queria-a pedida pela nação e como uma necessidade para o povo portuguez. Só admittia a lucta, o combate sem treguas pela liberdade, pelos direitos adquiridos ha mais de cincoenta annos, esses deviam ser defendidos com as armas na mão.

O nosso amigo Teixeira de Queiroz, o elegante escriptor tão conhecido pelo pseudonymo de *Bento Moreno*, diz. referindo-se ao ideal politico de José Elias Garcia :

«Como organisador do partido republicano, devem-se lhe relevantissimos serviços, que não poderão ser esquecidos.

«Em Lisboa, que tem sido o foco d'onde as idéas teem irradiado para todo o paiz, elle foi o mais tenaz, o mais assiduo e o mais perspicaz obreiro d'esta fabrica. Era admiravel de paciencia, de coragem, de confiança e abnegação. Nunca lhe senti um desfallecimento, não perdia um instante, acreditava cegamente no bom exito da lucta em que andava empenhado. A sua attracção pessoal era grande e de toda se valeu para augmentar o numero de adeptos, encorajando os tibios, resolvendo os indecisos, convencendo os contrarios. E n'este campo o seu exemplo de desprendimento mundano, de tenacidade na obra democratica, de enthusiasmo pelas idéas, valeu mais que a palavra fallada que não era de um tribuno e do que a palavra escripta que não era de um propheta mas sim de um pensador.»

«Quasi todos os amigos politicos que com elle collaboraram dia a dia, tinham predilecções especiaes pelo caminho a escolher : — uns desejavam abandonar as eleições, por ser um meio corrompido, só valido para os contrarios ; outros acreditavam só nas conferencias democraticas, organisadas em todo o paiz; outros tinham enthusiasmo pelos grandes comicios, em que os milhares de ouvintes podessem aprender o novo credo; outros achavam mais poderosa e penetrante a propaganda pelo livro, pelo jornal ; outros pensavam em meios mais decisivos e violentos, sentindo atraz de si as exclamações populares... José Elias queria todos esses meios não despresava em these nenhum, só entendia que deviam ser empregados racionalmente e no momento proprio.»

Por aqui se vê que o partido republicano perdeu um dos seus grandes chefes senão o mais graduado, o mais necessario, porque era verdadeiramente um homem de governo. e o mais tenaz propagandista de uma nova e reformadora ordem de coisas.

O sr. conselheiro Latino Coelho que nos deve ser auctoridade na critica dos actos do nosso biographado porque bastantes annos trabalhou junto d'este homem, que pela sua inesperada morte deixou viuva a patria, de um dos seus mais prestigiosos homens de estado, — tambem affirma que «José Elias Garcia concentrava em si todas as faculdades mentaes e todas as energias de espirito e coração, que distinguem os ardentes evangelisadores de um novo culto. Indefesso no trabalho, modestissimo nas ambições que interessam o egoismo, e exuberante nos que importam á causa publica e ao pogresso da humanidade, vimol-o terminar a sua carreira, sem que devesse a sua posição ao patronato, com que d'um intrigante se faz em nossos tempos um grande homem. Coronel de engenheiros e lente cathedratico, não o promoveu o favor regio, ou a complacencia ministerial a estas honrosas qualificações, como acontece com tantos obscuros exploradores, que das coxias do parlamento sóbem de um salto aos logares mais eminentes, para que a sciencia, o talento e a virtude se dispensam, porque são largamente substituidas pela munificencia e capricho ministerial. Andando por tantos annos na vida politica activa, nunca o lodo que se accumula tanto tempo n'estas sendas escabrosas, poude macular a candidez á sua toga de tribuno.»

. . . .

Foi uma perda para o paiz.

*
* *

E' possivel que este artigo não agrade aos actuaes republicanos nem aos monarchicos, é verdade tambem que não escrevo n'este momento para uns nem para outros.

Todo o escriptor, todo o artista tem um momento em que o seu espirito sem perder nada do que deve á verdade, rompe contra todas as convenções que só alimentam os fracos e os doentes. Sinto-me n'esse momento.

Do meu tempo, depois de Fontes Pereira de Mello, que ao finar-se fez uma falta enorme á monarchia, mas principalmente ao seu paiz, só conheço Elias Garcia cuja falta, se para o partido republicano é irreparavel, para a familia portugueza, dolorosissima Eram os dois esteios da ordem. Ambos foram calumniados. Ambos figuras de primeira grandeza. Os republicanos achavam José Elias Garcia moderado, *quasi monarchico*, e ultimamente apearam no do Directorio. Os monarchicos chamavam a Fontes Pereira de Mello *o coveiro da monarchia*. Tanto um como outro d'estes grandes homens apenas foram comprehendidos por alguns verdadeiros patriotas. A imaculabilidade de caracter era egual nos dois. Fontes Pereira de Mello era adorado pelos intimos pelos que mais de perto o conheciam. até havia *fontistas !* José Elias Garcia sempre encontrou no grupo que dominava uma dedicação sem limites, tambem tinham epitheto, eram : *os homens do José Elias*. Ambos foram violentamente atacados por partidarios e adversarios. Ambos foram notavelmente respeitados. Entre os republicanos havia homens que admiravam com estima Fontes Pereira de Mello. Entre os monarchicos todos queriam a José Elias pelo seu bello talento, pelo seu grande coração.

Ambos morreram pobres.

*
* *

José Elias Garcia nasceu em 31 de dezembro de 1830, no concelho de Almada. Era filho de José Francisco Garcia, chefe de uma das officinas do nosso arsenal da marinha. Sentou praça no regimento de engenheria em 31 de agosto de 1853, foi promovido a alferes em 29 de abril de 1856, tenente em 29 de abril de 1858, capitão a 19 de agosto de 1868, major a 8 de julho de 1880, tenente coronel a 6 de junho de 1883, coronel a 27 de setembro de 1888. Estava fóra do quadro da arma porque se achava em commissão como director de estudos, era lente proprietario da 6.ª cadeira (mechanica applicada) da Escola do Exercito. Era vogal do conselho de instrucção naval, deputado ás cortes, foi vereador do pelouro de instrucção, e teve a presidencia do primeiro municipio do paiz em 1878.

O OCCIDENTE representa Elias Garcia com as insignias de Grão-Mestre da maçonaria portugueza. Fôra *maçon* trinta e oito annos. Começou por aprendiz de *maçon* em 1853, dando entrada na *Loja 5 de novembro*, sob o nome de *Irmão Pericles.* Ali subiu até *roza-cruz*, setimo grau do rito francez.

Quando morreu José Estevão Coelho de Magalhães. Grão-Mestre da Confederação Maçonica Portugueza, José Elias Garcia era orador da Grande Loja. Em 1881 entrou para a loja *Sympathia*, onde foi eleito veneravel.

Foi presidente do conselho da ordem e Grão-Mestre interino em substituição do fallecido conde de Paraty.

Mais tarde, em 1885, por fallecimento do notavel chimico e homem de estado, Antonio Augusto de Aguiar, foi eleito definitivamente Grão-Mestre. N'essa occasião desempenhava tambem o logar de presidente do conselho da ordem.

Foi uma verdadeira victoria, para José Elias a sua eleição a Grão Mestre da maçonaria, porque houve renhida lucta e havia nomes poderosos indicados para o referido cargo. Como Grão-Mestre da ordem era tambem presidente da Assembléa geral do Asylo de S. João, estabelecido em Lisboa, e fundado por José Estevão.

Elias Garcia trabalhou com ardor pelo progresso da maçonaria e para que ella bem em publico manifestasse que não havia motivo para prevenções que só cabem em espiritos pouco desenvolvidos, e assim viu coroados os seus esforços, ao conseguir que ella publicamente manifestasse que não tinha outros fins que não fossem a defeza da patria e da liberdade e a pratica do bem e da justiça.

Do resultado d'estes esforços falla bem alto o effeito causado em Aveiro, ao inaugurar-se a estatua de José Estevão, quando a maçonaria se apresentou em publico. Alem d'isto, José Elias quando nos bateu no rosto o insulto inglez de 11 de Janeiro, dirigiu-se como Grão-Mestre da maçonaria, a todas as potencias maçonicas do estrangeiro relatando a verdade dos factos e o direito que nos assistia, e assim appareceram em muitos jornaes estrangeiros, — na propria Inglaterra ! — artigos defendendo os direitos da nação portugueza.

O seu trabalho como jornalista foi muito notavel. Em 1859 fundou a redacção do *Futuro* e de cuja empreza fazia parte. Escreveu depois na *Politica Liberal* em 1862 ; foi redactor principal do *Jornal de Lisboa* em 1865 e ultimamente era redactor e proprietario da *Democracia* onde se estrearam quasi todos os actuaes homens de lettras.

Os seus discursos como vereador e deputado encontram-se publicados no *Archivo Municipal* e no *Diario das Camaras*.

*
* *

Os srs. Conde de Valenças, dr. Theophilo Ferreira e José Elias Garcia são os homens a quem o municipio de Lisboa deve o estado actual, verdadeiramente brilhante da instrucção publica.

Do sr. Conde de Valenças temos á vista um livro sob o titulo de *Instrucção primaria no municipio de Lisboa*, comprehendendo um relatorio ácerca da instrucção primaria, considerandos sobre a necessidade de a reformar e a proposta de reforma e orçamentos. D'este trabalho do sr. Conde de Valenças, de que em breve nos occuparemos quando tratarmos da instrucção publica em Portugal, podemos dar já uma nota curiosa Referindo-se o sr. Conde á despeza feita com a guarda municipal, policia civil, cadeias civis e casas de correcção, e com o despendido com as escolas, conclue :

«Isto é :

Para manter a ordem publica.	268:704$250
Para dar instrucção ao povo..	6:744$500

Havemo nos de referir mais de espaço a este trabalho.

O sr. dr. Theophilo Ferreira foi e tem sido umas vezes o continuador, outras o mantenedor da obra de Elias Garcia.

Em 1875, quando apenas existia uma escola municipal subsidiada pelo municipio, foi que José Elias Garcia tomou conta do pelouro da instrucção. Quando elle, em 1881, sahia do pelouro tinha fundado doze escolas.

N'estas escolas introduzira Elias Garcia o ensino da gymnastica e o ensino militar, deixando já assentes as bases para o batalhão escolar, organisado depois. Por esse tempo foi tambem inaugurada a secretaria da instrucção municipal.

José Elias era escrupulosissimo na escolha do pessoal burocratico e docente. e alguns dos professores mais distinctos a elle devem as suas nomeações. Nos seis annos decorridos de 1875 a 1881 foram concedidos varios subsidios a escolas particulares e parochiaes, e foi subsidiada com duzentos mil réis a Associação dos professores primarios para poder manter uma bibliotheca pedagogica. Foi por iniciativa de Elias Garcia que se introduziu nas escolas municipaes o canto coral, e é sob a sua benefica gerencia que se abre ao publico a primeira bibliotheca municipal.

A primeira junta escolar que funccionou foi presidida por Elias Garcia, sendo vogaes os srs. Souza Telles, actual director do serviço de instrucção e dr. Silva Amado.

Quando falleceu José Elias, existiam em Lisboa vinte e duas escolas centraes, tres especiaes e quarenta parochiaes, tendo estas escolas nos registos de matricula nove mil alumnos.

O nosso amigo Gil Carneiro, um dos intimos do finado, escreve no seu interessante livrinho *Homenagem ao trabalho*, publicado em 1881, apropozito dos serviços prestados por José Elias á instrucção do povo :

«Se Henriques Nogueira podesse apalpar os melhoramentos materiaes do municipio de Lisboa, nos quaes Elias Garcia tem, em alguns, grande parte, e ouvisse nas aulas municipaes centenas de creanças a receber uma solida instrucção primaria gratuita, gradual, dividida em quatro classes, e uma de canto de coral, e visse as de gymnastica e educação militar ministradas todas pelos melhores professores bem remunerados, com escolas commodas, aceiadas, providas de tudo quanto ha de melhor... em summa um modelo da mais perfeita instrucção, que envergonha o ensino official, perguntaria quem tinha creado este immenso bem, e ouviria aos professores, ás creanças e aos paes, dizer : deve-se ao sr. José Elias Garcia, depois de uma tenaz lucta de annos.»

O illustrado economista sr. Rodrigues de Freitas, que ninguem pode taxar de thuribulario, dizia ha dias :

«No meio da geral descrença, do vulgarissimo habito de calumniar e da corrupção confessada, — Elias Garcia — manteve a sua fé, permaneceu extremamente bondoso e tolerante para com os proprios adversarios, e conservou-se honrado. Que grande cidadão perdemos, e em que occasião! Que sympathico e venerando chefe a morte arrebatou ao partido republicano.»

O que tornou sobre tudo sympathico este grande patriota foi a sua modestia. Chamavam-lhe

moderado mas de essa moderação é que lhe vinha a força. Em todos os partidos, os partidarios exaltados são os futuros traidores umas vezes e sempre a causa dos desastres que precedem a queda dos governos que diziam sustentar, e a perda do ideal que pensavam servir.

O sr. conselheiro Pinheiro Chagas ha bem pouco tempo conselheiro da corôa como ministro da marinha, é testemunho insuspeito do que temos affirmado sobre Elias Garcia.

Já pelo brilhante talento do escriptor, já pelo conhecimento pessoal que Pinheiro Chagas tinha de José Elias Garcia vamos encerrar este artigo com as seguintes palavras do monarchico illustre a respeito de republicano altruista:

«Que fosse republicano ou monarchico que importa?

«Era um irmão na lucta, bem mais sincero e bem mais dedicado ás ideas generosas e liberaes do que os que de vez em quando o accusavam de tibieza, ou de transigencias com os adversarios.

«Amava a forma republicana, mas era incapaz de fazer a confissão estranha dos que pretendem que a republica é a forma exclusiva da democracia. Sabia bem, espirito esclarecido e sensato, que governo democratico é o que faz da vontade popular, do suffragio do povo a base do regimen da nação.»

Aos nossos amigos Gomes da Silva e Caetano Pinto agradecemos o auxilio que nos deram com os seus esclarecimentos para completarmos este artigo.

Manuel Barradas.

EXPOSIÇÃO DO GREMIO ARTISTICO

IV

João Vaz é já vantajosamente conhecido do nosso publico, que sempre applaude os seus trabalhos e honra lhe seja, com toda a justiça.

O genero que este artista explora, — a marinha — dá sempre uma nota agradavel ás exposições e a nossa vista repousa suavemente nas suas télas de vastos horisontes e em que os nossos pulmões parecem haurir sofregamente as emanações tonicas do Oceano.

Se em algumas télas se repete, se em outras notamos falta de observação, não é menos verdade de que por vezes João Vaz nos dá verdadeiros primores no genero.

Assim por exemplo os n.os 161 e 165 *Na praia* e *Baixamar* explendidos de tom e ambos dotados de magnifica perspectiva aerea, são o que podemos chamar dois bellos quadros.

Outro tanto não diremos dos n.os 163 e 164, *Em reparos* e *Barca das pescadas* que além de pouco observados, tem figuras bastante mal indicadas, no n.º 162 foge o artista ao genero da sua predilecção, apresentando-nos uma paisagem que não nos é de todo desagradavel.

Um canto d'Evora faz-nos lembrar os quadros de Rico, sem que comtudo se sinta em João Vaz a preoccupação de o imitar. A verdade porém, é que até nos defeitos de perspectiva linear e aerea esta téla se parece com as do pintor hespanhol.

O n.º 166 *O velho forte*, é que francamente nos desagrada e parece-nos pouco á altura dos merecimentos de João Vaz.

Occupar-nos-hemos agora do sr. Jayme Verde outro artista que nos chega de Paris, e que a este respeito parece não querer deixar duvidas no publico, pois que manda a mercadoria com rotulo francez. Pretenção ou precaução, achamol-a desnecessaria por que se exceptuarmos o n.º 168 *Dans la prairie au soir* todos os mais são muito acceitaveis mesmo em portuguez, e revelam qualidades muito de apreciar.

Assim os n.os 167 *Allée de Tréfesle*, 170 *Revière de Queredref*, 171 *Forêt de Fontaine blean*, e 173 *Ronte de Plonarmel*, são finamente pintados, embora talvez um pouco do *chic* defeito de que se resente sobretudo o n.º 171.

O GENERAL CONDE DE MOLTKE — FALLECIDO EM 24 DE ABRRIL DE 1891

EXPOSIÇÃO DO GREMIO ARTISTICO

A' PORTA DA VENDA, (Estrada de Torres) — *Quadro de Silva Porto*

(Segundo uma photographia do photographo amador sr. F. Neves)

Mais sinceramente pintados nos parecem os n.os 169 *Vallée de Queredref*, 172 *La ferme à la poste au mercier* e 174 *Chemin de Redon* e que por isso mesmo mais nos agradam

No salão do Gremio figuram ainda um grande numero de télas de pouca importancia mas em que os seus autores nos revelam boas qualidades que desejamos vêr mais solidamente afirmadas na futura exposição. Taes por exemplo Julio Costa com a *Ti'Anna*, Baeta, Queiroz, A. Rodrigues, Vieira e Xavier.

Este ultimo sobretuo é muito para lastimar que se apresente tão fraco, elle o pintor d'*A Lavoura* um excellente trabalho que tivemos occasião de admirar em uma das passadas exposições.

*
* *

Entre as senhoras que concorreram á exposição figura em primeiro logar S. M a Rainha D. Maria Amelia, que com a gentileza que a caracterisa annuio ao convite do Gremio, expondo duas télas que honrosamente supportam o confronto com as dos nossos primeiros artistas.

Este facto é a nosso vêr muito significativo e com elle nos devemos congratular. Effectivamente, quem com tanto brilho, mostra cultivar a pintura, ha-de exercer fatalmente, pela elevada posição em que se encontra, uma influencia salutar e benefica sobre as bellas artes em Portugal, já protegendo-as com os disvelos que só os seus verdadeiros cultores lhe sabem dispensar já concorrendo com o proprio trabalho para estimular os artistas nacionaes, a quem S. M. a rainha, expondo as suas télas, deu uma prova inequivoca do subido apreço em que os tem e da consideração que lhe merecem.

*
* *

A ex.ma sr.a D. Josepha Greno uma das mais distinctas artistas do nosso paiz expõe um grande numero de télas, a maior parte das quaes nos revelam a grande technica, certeza e felicidade de toque, de que é possuidora, a illustre artista.

Os n.os 51, 52, 59, 61 e 67, são de uma grande belleza de colorido e na verdade muito decorativos. O n.º 67 *Amores perfeitos*, especialmente é primoroso.

Alguns ha porém que gostamos menos; o n.º 56 *Malvaiscos*, por exemplo é pouco cuidado; aquelles tons verdes são demasiado falsos e desagradaveis. N'este grupo incluiremos ainda o n.º 55 *Amores perfeitos*, que temos de classificar de *pochade* pouco feliz.

Além d'esta artista já consagrada, mais duas senhoras D. Fanny Murró e D Bertha Ramos apresentam trabalhos apreciaveis e que demonstram talento e boa vontade.

*
* *

A exposição de esculptura é muito pequena, notando-se a ausencia de alguns artistas novos que o publico já teve occasião de apreciar anteriormente.

Apenas dois mestres n'esta arte, Simões d'Almeida e Alberto Nunes, e um alumno da Academia de Lisboa o sr. Motta apresentam trabalhos n'esta secção.

Alberto Nunes expõe o *Bernardim Ribeiro*, estatua adquirida pelo sr. Barahona, de Evora, já está passada ao marmore e pena foi que Alberto Nunes enviasse o gesso, e não o marmore que nos dizem ser magnifico.

Simões d'Almeida expõe os bustos do sr. Francisco Palha e do sr. Luz Soriano.

Como tudo que este notavel esculptor tem produzido, estes trabalhos são de primeira ordem, e muito a altura da reputação do seu autor.

O sr. Motta apresenta 3 trabalhos, sendo o melhor, na nossa opinião, o *Busto de um arabe*, que tem muito caracter e é bem modelado O n.º 202 *Busto da ex.ma sr.a D. Maria Roquette* embora mais fraco do que o antecedente, é comtudo feito com muito mimo, e talento.

Na secção de aguarella expõe El-rei o sr. D Carlos alguns trabalhos que mais uma vez confirmam o bom gosto e perfeição com que S. M cultiva este genero Já quando nos referimos a S. M. a Rainha frisámos bem a importancia que para nós tem o concurso de Suas Magestades á exposição e as consequencias que d'ahi devem resultar.

Prestadas as nossas homenagens a El-rei, fallemos agora dos poucos artistas que sobresahem n'esta secção. São elles A. Roque Gameiro, Hogan de Mendonça e Pinto Basto.

As aguarellas do primeiro são muito sinceras e de mancha muito agradavel. Em Hogan avultam as qualidades do precedente e os seus trabalhos parecem-nos feitos com mais espirito.

Em *Gouache* apresenta-se apenas a sr.a Greno com um *Panno de leque* que é muito bom.

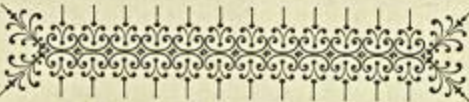
Ainda esta mesma sobresahe na secção dos *Pasteis* que a não ser o seu trabalho *Uvas* está muito fraca.

Em architectura expõe o sr. Adães Bremudes um projecto de museu que pouco tem de notavel. E' o unico expositor n'esta secção.

Entre os *desenhos*, os de Condeixa são os mais notaveis sobre tudo o n.º 224 *Na lavoura*, que é bem desenhado e tem muito caracter. Notaremos ainda os tres retratos feitos para a *Revista Illustrada* e entre os *Esquissos do natural* alguns ha que são primorosos.

Em gravura brilha o sr. Netto um dos melhores gravadores em Madeira que possuimos, e cujos trabalhos rivalisam em perfeição com o que se faz no estrangeiro.

Terminada a nossa missão ficamos á espera da futura exposição, desejando que d'aqui até lá, os progressos que tenhamos a notar sejam pelo menos tantos como os que nos revelou a exposição, que se encerrou no dia 15 do corrente. Os resultados agora obtidos foram animadores e portanto são licitas as nossas esperanças.

A. A.

AS NOSSAS GRAVURAS

O GENERAL CONDE DE MOLTKE

Da trindade chamada Guilherme, Moltke e Bismarck que levou a cabo a união germanica, só resta vivo um nome, o de Bismarck.

Guilherme, o imperador foi o primeiro que partiu para a eternidade, Moltke, o general, foi agora, tres annos depois, assim o communicou o telegrapho, no dia 25, a todo o mundo, onde o nome de Moltke era conhecido, desde 1870, em que se feriu a guerra franco-prussiana.

Desde essa época o nome de Moltke echoou por toda a parte com o prestigio de grande general do seculo; a sua victoria sobre a França assombrara o mundo, que apesar de surprehendido com a barberie do bombardeamento de Paris, não podia deixar de reconhecer no auctor d'esse attentado, o homem inflexivel, que meditara durante annos um plano grandioso e arrojado, e que o levara á pratica tão completo como o concebera, chegando ao fim, sem exitações sem recuar um passo, vencendo quantas batalhas lhe offereceram, passando victorioso por sobre montes de cadaveres, frio, imperturbavel na sua obra de destruição, só com uma idea fixa, vencer a França, fazer triumphar a Allemanha.

E o mundo acclamou-o um heroe, como se este heroe tivesse salvo a humanidade; não quiz saber se elle tinha coração, para quê ?

Viu n'elle um vencedor e tanto bastou para lhe valer a admiração. O mundo tambem se admira dos horrores, e apesar de toda a civilisação que apregoa, vae sempre rendendo preito a essas almas d'aço e coração de ferro, para quem os canhões são a suprema conquista, que vence, muito embora não convença.

O mundo é isto e Moltke foi, portanto um heroe, cujo nome já pertence á historia.

Helmut Charles Bernard, conde de Moltke era de origem dinamarqueza e nasceu em Parchim, no Mecklemburgo, a 26 de outubro de 1800, tinha a idade do nosso seculo.

Esteve primeiro ao serviço da Dinamarca, mas em 1822 passou ao da Prussia. Official intelligente foi admittido em 1832 no estado maior.

Em 1835 fez uma viagem ao Oriente e foi apresentado ao sultão Mahmud, que lhe pediu que o iniciasse nas novas theorias estrategicas e o obrigou a requerer uma larga licença para poder dirigir as reformas militares do exercito ottomano.

Assistiu á campanha da Syria em 1839.

Depois de regressar á Prussia foi nomeado, em 1846, ajudante de campo do principe Henrique, retirado em Roma, e que morreu no anno seguinte.

Depois de desempenhar varias missões, foi nomeado em 1856 ajudante de campo do principe Frederico Guilherme.

Em 1855 delineou o plano d'uma expedição que a prompta conclusão da paz de Villafranca entre a França e a Austria o impediu de executar. Em 1864 tomou uma parte importante nas operações d aguerra contra a Dinamarca.

No anno seguinte, na previsão d'uma ruptura com a Austria, Moltke trabalhou activamente para preparar o projecto d'uma campanha contra ella, e quando a gueara foi declarada, em junho de 1866, os seus planos foram fielmente seguidos.

Promovido a general de infanteria acompanhou o rei, que tomara o commando da expedição e esteve junto d'elle na batalha de Sadowa. Foi depois sob a sua direcção que o exercito marchou sobre Vienna. A 22 de julho o general de Moltk accordou n'uma tregoa de cinco dias, durante a qual se concluiu um armisticio acompanhado de preliminares de paz consagrando o triumpho da Prussia.

Chefe do estado maior general dos exercitos prussianos, Moltke foi tambem encarregado de preparar os estudos e os planos da campanha contra a França.

A diplomacia de Bismarck concorreu bastante para o resultado da guerra, mas a victoria da Allemanha é principalmente devida ao valor e saber de Moltke.

Antes da guerra franco prussiana, em 1866, era o general Moltke o commandante do estado maior prussiano. Já n'essa occasião a organisação do exercito da Prussia era admiravel. Os progressos da instrucção, devidos á lei que a tornára obrigatoria, deram ao exercito homens que sabiam, todos, lêr e escrever. Dizia-se então : « Foi o mestre-escóla prussiano quem ganhou a batalha de Kœniggraetz ! »

O general Moltke cheio de vigor, apezar dos seus 70 annos, possuia, quando a França declarou a guerra, os conhecimentos militares mais completos. Fallando pouco, com palavras seccas e incisivas, dizia-se d'elle : « Sabe estar calado em sete linguas ! »

Moltke foi elevado á dignidade de feld marechal a 16 de junho de 1872.

Publicou varias obras, entre as quaes o *Relatorio do estado maior allemão na campanha de 1870 1871* ; a *Campanha turco russa na Turquia da Europa* ; *Cartas sobre os acontecimentos da Turquia, de 1835 a 1839* ; *Cartas do Oriente* ; e *Historia da Campanha de 1866*.

Ultimamente, a pretexto de que a sua avançada edade lhe não permittia exercer as multiplas e complicadas funcções de chefe do estado maior, obtivera do imperador a demissão d'este cargo, sendo nomeado para outro egualmente elevado, mas de menos trabalho.

Moltke morreu de repente, da roptura de uma aneurisma, em a noite de 24 de abril pelas nove horas e tres quartos. Ainda de dia estivera nas duas casas do parlamento, e poucos momentos antes de fallecer tinha ceiado perfeitamente.

O REI D. PEDRO V DO CONGO

Um telegramma d'Africa trouxe a noticia da morte do rei D. Pedro V do Congo, um dos potentados mais fieis a Portugal e de mais antigas relações com os portuguezes, relações que datam do seculo XV.

Foi em 1490 que Portugal enviou a sua primeira expedição ao Congo, composta em grande parte de missionarios de S. Domingos, que influiram consideravelmente para o estabelecimento do christianismo n'aquelle reino.

Ainda hoje se vêem em S. Salvador do Congo e seus contornos, ruinas de antigas egrejas christãs em numero superior a dez.

Toda essa influencia, porém, deçahiu como se vê, e hoje o reino do Congo está longe da prosperidade, no que tem sobeja culpa a pouca ou nenhuma actividade dos naturaes, raça pouco intelligente, ainda que de boa indole.

O Congo chegou a ter uma civilisação mais pronunciada que nenhuma de outras terras de Africa, devida a influencia e relações com Portugal, e d'isso é boa prova o titulo de rei que o chefe d'aquelle paiz usa, assim como a christandade d'aquelle povo.

Repetidas expedições portuguezas tem ido ao reino do Congo e as mais recentes foram: a de 1859 commandada pelo então capitão tenente da armada sr. João Baptista de Andrade, e em 1881 outra commandada pelo major João Carlos Ribeiro, que estabeleceu uma missão portugueza com grande proveito para o paiz. Depois d'isto foi estabelecido ali pelo governo portuguez um residente, o que tudo tem concorrido muito para o desenvolvimento do commercio e da agricultura indigenas.

Apesar do moderno desenvolvimento d'este paiz, está ainda assim longe de egualar os tempos da sua florescencia como dissemos.

O fallecido rei D. Pedro V succedera a D. Henrique em 1859, para o que houve guerra com o Dongo que lhe queria usurpar o reino. A expedição portugueza que então foi ali, influiu consideravelmente para o restabelecimento da paz, dando regalias ao rei e á sua familia, o que mais estreitou os laços de amizade do rei preto e do seu povo a Portugal.

D. Pedro V governou socegadamente o seu paiz por um periodo de trinta e dois annos, e dizemos socegadamente porque a sua indole pacifica, em nada parecida com a de outros potentados belicosos, não lhe premittia as aventuras que o incommodassem, deixando *correr o marfim* sem se importar muito com as guerras dos visinhos.

Uma boa pessoa, emfim e como tal estimado pelo seu povo.

Succede a D. Pedro V seu sobrinho D. Alvaro. Espera-se, porem, que um outro principe chamado Raphael desputará o poder.

Se houver guerra é provavel que se aproveite a occasião para os inimigos de Portugal levarem a cabo as intrigas que ha muito andam urdindo no reino Congo contra a preponderancia portugueza.

Será mais um ponto d'Africa a que Portugal tenha de acudir, se os nossos interesses assim o reclamarem.

O retrato que publicamos do fallecido rei preto foi tirado em 1882 pelo major sr. João Carlos Ribeiro.

A HERANÇA DO BASTARDO

Romance Original

III

CAUSAS E EFFEITOS

Cessando com o casamento a tutoria imposta pela lei, passou o morgado de Louredo á posse effectiva da fortuna de Anna da Soledade, empregando os primeiros actos da sua *sensata* administração em proveito exclusivo.

Sendo lhe facil obter a assignatura de Anna para poder realisar a venda de algumas propriedades, cuidou com o producto d'ella, de desobrigar, restaurar e engrandecer áquellas com que tinha entrado para o casal, tornando d'esta forma real a verba de duzentos mil cruzados com que figurava na escriptura de casamento.

O proprio solar de Louredo estava agora uma vivenda confortavel e luxuosa. Renascera como a Phenix, á similhança do seu proprietario, que rejuvenescera um bom par d'annos n'aquelles poucos mezes.

Pudéra, *o negocião*, como elle chamava ao casamento que acabava de fazer, tornava a dar ao seu brazão de morgado o prestigio d'outras eras.

Os proprios credores escreviam-lhe agora cartas repassadas de blandicias, pedindo que não se apressasse a pagar o que lhes devia, porque a quantia era bem insignificante, e em tudo mais que precisasse elles estariam promptos a servil-o sempre.

Phantasticas reviravoltas da fortuna!

Anninhas é que tinha sido lograda.

Nada se realisara do que as suas parentas lhe haviam affirmado no tom solemne de uma prophecia.

As esperanças em que embalara o seu ideal via-as desapparecer conjunctamente com uma boa parte da fortuna que lhe deixára seu pae.

Nem os adereços de custosos brilhantes, nem os vestidos espaventosos, nem as festas ruidosas do solar, nem os bailes deslumbrantes da côrte, nem sequer os criados de librés multiculores, cousa alguma d'estas tomara as fórmas palpaveis d'essa realidade por ella tantas vezes acariciada.

O que lhe apparecia agora, com toda a hediondez de uma verdade incontestavelmente cruel, era aquella especulação de que a tinham feito victima.

Afinal não passava de uma rapariga desamparada, que só o nome tinha de esposa do morgado para se ir despojando da sua riqueza, emquanto que ao mais nem d'elle recebera um simples osculo, ou mesmo um insignificante affago.

Como isto era differente do que ella ouvia ás recemcasadas do logar quando lhes perguntava se eram felizes.

Sim, assim como ellas diziam é que o casamento devia ser verdadeiramente.

E dos parallelos do seu soffrimento resignado, com as expansões de jubilo que via nas outras noivas, nasceu no seu espirito a ideia de uma desforra tremenda, mas de que afinal ella, como mulher honesta, havia de ser a primeira victima.

A pessoa do marido *in nomine* começou a ser-lhe enfadonha, nauseante, insupportavel!

Anninhas não o sabia dissimular, mas tambem o morgado se o conhecia não se importava com isso.

Era então visita assidua do morgado Luiz Ferreira Lobo, rapaz de pouco mais de vinte annos de physionomia distincta, alto, tez fina e clara, olhos castanhos rasgados, cabello tambem castanho e encaracolado, que usava em fartos anneis cahindo nos hombros.

Viera ha pouco da capital para Louredo acompanhar sua tia e ajudal-a na administração da casa por ordem do pae, que sabia bem os graus intellectuaes que abundavam no filho.

A tia de Luiz e os morgados eram visinhos. Tanto o solar de Louredo como a bella propriedade de D. Angelica Ferreira Lobo mediavam apenas a distancia de meio kilometro entre si, afastados das duas aldêas e dos casaes pouco mais ou menos a meio caminho de Santa Clara e Boa Vista.

Luiz era o filho unico de Rodrigo José Ferreira Lobo, capitão de mar e guerra, e commandante da fragata *Minerva*, um dos navios da marinha real que fez parte da esquadra, que tres annos depois havia de levar ao Rio de Janeiro a familia real portugueza, emigrada pela invasão das tropas de Napoleão Bonaparte.

Com todos os requisitos para agradar a uma mulher, Luiz advinhara o soffrimento de Anninhas, e a sua alma aberta para todos os sentimentos nobres e generosos impulsionara-se pela expressão triste do rosto da morgada.

A visinhança da tia com os habitantes do solar ao mesmo tempo que estreitava as relações de D. Angelica com os morgados permittia que Luiz privasse intimamente com a desventurada Anninhas.

D'um lado a necessidade de affeições, do outro a sympathia natural e expontanea pelo soffrimento, cimentaram essa inclinação que foi pouco a pouco creando raizes e alastrando se na imaginação dos dois jovens.

Luiz chegava a passar boa parte dos dias no solar, Anninhas pelo seu lado parecia fazer gala de, mesmo em publico, distinguir Ferreira Lobo com amabilidades e sorrisos; e era sempre pelo braço de Luiz que á tarde ella ia passear á sombra dos arvoredos do parque, escutando impressionada os melodiosos trinados da toutinegra real, como que a bemdizer o estio que lhe dava a energia e a vida, ao passo que o inverno lhe entorpecia as cordas vocaes e a obrigava a conservar-se reclusa no seu ninho.

Claudio de Castro parecia applaudir este estreitamento de relações entre Luiz e Anninhas. Dir-se-hia mais um pae admirando o noivo de sua filha, do que um marido vendo a mulher pelo braço de um outro homem e com todas as probabilidades da preferencia.

Acaso serviria o desenlace previsto n'esta affeição aos planos do morgado?

Uma tarde, já ao cair do crepusculo, Anninhas estava sentada n'um dos bancos de pedra que ornamentavam uma das ruas mais isoladas do parque.

Parecia triste e meditativa.

Sobre o seu singelo vestido de musselina côr de rosa, de cinta curta e mangas de tufos, que não iam alem do cotovello, deixando lhe a descoberto o braço divinamente contornado, tinha posto uma mantilha de finissimas rendas brancas de Alenson.

Subitamente levantou-se, e certificando-se de que era de passos conhecidos o ruido que ouvira, no rosto, até alli carregado e sombrio, brilhou-lhe de repente um sorriso de satisfação e os labios tremulos exclamáram n'um grito comprimido:

— E' elle!

Instantes depois Luiz apparecia junto de Anninhas.

—Desculpa-me, Soledade, se te obriguei a esperar, quizera ter vindo mais cedo, porém minha tia sentiu-se indisposta e eu tive que ir esta tarde buscar o medico a Beja.

— Desculpar-te, disse lhe Anninhas, fitando-o com um amargo sorriso. A felicidade cança-nos depressa e são raras as vezes que não a desprezamos depois de a possuirmos Se fosse ha dois annos...

— Não sejas injusta. Amo-te como te amei sempre, como te amarei toda a minha vida.

— Assim será, porém diz-me o coração que este amor nos será fatal.

— Acaso o morgado suspeitará...

— De mim? E que lhe importa a elle a minha pessoa? Não dispoe da minha fortuna? Por tua causa, accrescentou Anninhas com extraordinaria scintillação no olhar, tenho assignado quantas escripturas de venda elle tem querido, de forma que o meu patrimonio deve estar hoje reduzido a bem pouca cousa

— Por minha causa? interrogou Luiz dolorosamente surprehendido...

— Sim, quando nos embriaga a felicidade de possuir a quem amamos pouco importa que nos roubem, comtanto que nos não separem d'esse em que resumimos todos os nossos affectos, todas as nossas esperanças. Pois não é assim que tu amas a tua Anninhas, Luiz?

E mudando para um tom tristemente commovedor:

— Ah! e agora mais do que nunca preciso do teu amor, da tua protecção, do teu conselho de bom e sincero amigo...

— Agora, dizes...

— D'aqui a pouco, meu Luiz, será impossivel occultar do morgado a evidencia do meu delicto, por que vou ser mãe.

Houve um momento de silencio em que n'aquelles dois corações se debateram em lucta os mais desencontrados sentimentos. Luiz estava como que a estatua do espanto, sem poder acreditar tão fulminante revelação.

A realidade terrivel punha-lhe diante dos olhos, fria e cruelmente, todas as graves circumstancias d'essa affeição illegal para o mundo, em que se compromettêra levianamente, arrastando ao crime essa pobre rapariga, que afinal se lhe entregara ignorante do valor real do seu erro.

Anninhas, essa, pensava em qual seria a sua sorte, depois de compellida a confessar uma culpa de que só agora começava a conhecer o alcance; culpa imperdoavel e que iria cahir como um anathema sobre a cabeça do seu filho

E o que seria d'essa creança? Publicado o escandalo, que direitos daria a lei ao marido ultrajado sobre aquelle innocente fructo da affeição peccaminosa?

Luiz, passado o instante da surpreza explosiu nos mais vehementes carinhos para com aquella que lhe tinha sacrificado honra, dignidade, tudo, e cingindo-a contra o peito commovido até ao mais intimo da alma osculou a febrilmente.

— Nada tens a temer Soledade, disse elle com voz firme e solemne. Estarei a teu lado, vigilante, e ao menor insulto de que fores victima encontrar me-has prompto a defender-te e a defender nosso filho.

— E se um dia a infelicidade me perseguir, accrescentou Anninhas, terá culpa o destino que me sacrificou.

(Continúa) *Julio Rocha.*

OS MEUS LIVROS

IX

Tenho sobre a minha banca de trabalho, alem de um bello opusculo de Luciano Cordeiro celebrando os feitos valorosos do inolvidavel Silva Porto; *a Flôr de pantano* de José de Lacerda; e a selecta *Primeiras leituras* do academico Joaquim de Araujo.

Segundo a ordem que estabelecemos, n'esta secção, d'esde o primeiro artigo, começaremos pelos auctores menos conhecidos; deixemos Luciano Cordeiro o investigador das nossas tradições historicas, o africanista que mais tem feito por honrar os que mais teem honrado a Patria nas ardentes paragens do nosso imperio da Africa austral; — e fallaremos depois de Joaquim de Araujo, o devotado academico a quem tanto deve a Instrucção Publica em Portugal.

Agora vamos dizer quem é José de Lacerda o auctor da *Hecatombe*, o poeta encantador da *Flôr de pantano.*

*

* *

José de Lacerda! — Aqui temos um rapaz que não receia de mostrar que tem coração, depois de ter mostrado que possue muito talento.

Flôr de pantano é um volume de mais de cem paginas editado primorosamente pela sumptuosa casa editora d'M Gomes, Chiado, 70 e 72, o livreiro mais amavel que conhecemos.

José de Lacerda abre o seu livro com a *Sombra*, bella poesia de verso largo, energico e sonoroso. Segue o *Romantismo*, estylo moderno reformista, arrojado, mas firme. Vem depois *A Ironia*, titulo geral dos contos *O conde de H.* e *O padre confessor.*

Só este ultimo conto faria a reputação do moço poeta, pela sua simplicidade. Porque eu entendo que não ha nada mais difficil do que fazer obra completa com simplicidade.

O conto, muito intencional, e elegantissimo, e onde uma sympatica despretenção mal consegue premir o scintillante espirito que n'elle esfuzia.

Eil-o :

Do padre confessor
o coração (se o tinha) era gelado
pois nunca amor alli havia entrado
Uns exquisitos casos, que elle ouvia,
(casos de offensa grave á theologia)
causavam-lhe horror.

Mas um dia — coitado ! —
traz-lhe o destino como confessada
uma noviça linda... desmandada !...
E, levado na onda do Incoherente,
o bom padre segreda á penitente:
— «Beijar... não é peccado !...»

Da Nevrose destacamos o soberbo *Monologo* e *No hospital*.

Do Idealismo as poesias *Linda indiana* e a encantadora *Serenata*.

Do Naturalismo, a producção *Flôr do pantano*, e incontestavelmente um trabalho de espirito orientado e forte.

Resta-nos agradecer ao delicado e primoroso poeta a offerta preciosa da sua obra e pedir-lhe que continue distinguindo-nos com a sua lembrança.

* * *

Silva Porto: — por Luciano Cordeiro.

N'este livrinho que o auctor de *Soror Mariana* e da *Senhora Duqueza*, acaba de dar a lume, vem com aquella precisão e lucidez que Luciano imprime aos seus trabalhos historicos, consignadas, paginas gloriosas para a nossa historia colonial.

E' preciso affirmar aqui um facto, que, parece, anda muito no esquecimento de uns individuos que se fingem amigos de Luciano Cordeiro: — foi elle, e só elle, que tem interessado o nosso egoista politico, nas cousas de Africa, é Luciano Cordeiro que tem dado brilho e popularisado a nossa *Sociedade de geographia* tornando-a sympatica, e fazendo d'ella um centro de trabalho.

Tem elle, o grande trabalhador, pugnado por todos os homens que seriam completamente ignorados no paiz pelo qual tem sacrificado haveres e arriscado a vida !

E por isso que prestamos simplesmente justiça celebrando o trabalho de Luciano Cordeiro.

No folheto de que fallamos faz-se a historia das viagens de Silva Porto, relatando factos interessantissimos da nossa occupação na Africa Austral.

Além de que, n'este instructivo livrinho, vem uma prova publica que deve satisfazer os corações verdadeiramente portuguezes : — Silva Porto, como explorador, é collocado a par de Levingstone !

Silva Porto, crusou a Africa em todos os sentidos.

E, por que era muito bondoso, nos seus diarios não ha censuras, mas é rara a pagina em que os assizados avizos do martyr da Patria mal encobrem a dor a fundo dos queixumes contra todos que antepõem vis egoismos, sacrificando o nosso poderio africano.

E' este o bom serviço que Luciano Cordeiro prestou ao seu paiz com o seu «Silva Porto» cujo exemplar agradecemos.—

* * *

No proximo artigo falaremos da instrutiva selecta de Joaquim de Araujo e de um monologo em verso *Uma teima*, do nosso amigo Pedro Machado, antigo companheiro nosso em Benguella quando nos conhecemos na expedição que em 1877 foi á provincia de Angola.

Manoel Barradas.

REVISTA POLITICA

Decretos de economias e novo addiamento das côrtes é o que temos n'esta ultima dezena, o que não chegam a serem novidades, porque de ouvir fallar em economias já o publico está farto, como de uma historia contada e recontada que não consegue satisfazer a natural curiosidade, e a respeito de addiamentos das côrtes estamos no mesmo caso só com a differença que estes são muito mais positivos que as economias que, de resto ainda se não tornaram em factos praticos, mesmo depois dos decretos que as ordenam.

E' esta em geral a opinião da imprensa politica com respeito ás economias decretadas pelo ministerio da fazenda, que á excepção das que se referem á percentagem nos emolumentos aduaneiros, as restantes são de resultados bastante problematicos para que possam utilisar as instantes necessidades do thesouro.

Assim temos a suspensão dos trabalhos de revisão de matrizes, trabalhos principiados e seguidos desde 1881 e que tem custado a bagatella de mil quatrocentos e tantos contos, estando ainda muito longe da sua conclusão, pelo que terão de se fazer de novo, perdendo-se o trabalho feito.

O decreto que suprime o quadro do pessoal da fiscalisação das fabricas de tabacos, não produz economia immediata porque o mesmo pessoal fica addido á policia fiscal.

A supressão da policia fiscal reservada, está nos mesmos casos pouco mais ou menos que o antecedente.

A portaria que manda proceder á distribuição dos trabalhos extraordinarios dentro dos limites da possivel economia e maxima egualdade, é uma medida tão platonica como qualquer das outras, o que bem mostra a impossibilidade de fazer economias reaes e positivas, sem uma radical reforma dos serviços publicos, em que se faça uma limpeza escrupulosa no parasitismo que está sugando o orçamento com prejuizo de todos e de tudo e unico proveito de si proprio

E' sobre isto que se devem basear as boas economias, que sem prejudicarem os serviços publicos nem os funccionarios honestos, que ainda os ha, varra de vez com os zangões da politica, que á sombra d'ella querem auferir interesses por serviços que não prestam e que mesmo seriam incapazes de prestar quando lh'os exigissem seriamente. Assim se tem pronunciado uma parte da imprensa e é esta a que melhor interpreta o sentimento publico nas economias que elle deseja e de que o paiz precisa.

N'uma palavra a moralidade na publica administração realisava o milagre que tanto se pede, porque a moralidade era applicar os dinheiros publicos com a mesma economia e bom criterio com que cada qual gasta naturalmente aquillo que é seu.

Para isto só ha uma coisa que é : os encarregados de administrarem as rendas publicas terem boas provas de que sabem administrar as suas.

Ora parece-nos que é exactamente isto que menos se tem tido em attenção, e eis porque a fazenda publica tem chegado as tristes condições do fidalgo arruinado.

Com respeito ao addiamento das côrtes, é coisa com que muitos andam intrigados. A imprensa manifestou-se primeiro contra o addiamento, achou-o inconstitucional, inconveniente, um erro politico de que o governo não se podia absolver, pintou emfim o quadro com as côres mais carregadas ; mas vinte e quatro horas depois, isto é, depois de saber que o governo fazia questão ministerial do addiamento, passou a achal o bom, a conformar-se com elle a entender que o governo tinha rasão, mesmo sem saber porque, unicamente porque o governo queria o addiamento ou a demissão.

Havia só uma coisa que podia justificar mais um novo addiamento das camaras ; era a questão ingleza. essa, porém, parece que não fazia impedimento e o sr. ministro dos estrangeiros foi o proprio que o declarou, fazendo constar que as negociações estavam quasi concluidas e sem receios de que se complicassem.

A não ser a questão ingleza não se atina com a causa da exigencia do governo em querer as contas fechadas quando o tempo urge e mal chega para se votar pelo menos o orçamento.

Verdade é que o orçamento ha muitos annos se vota de assalto, no fim da sessão, como coisa que pouco importa e nada interessa.

E ainda ha ingenuos que acreditam na reorganisação das nossas finanças !

Nós acreditamos muito mais na desorganisação porque emfim essa é palpavel e a ninguem é licito duvidar do cahos em que tudo isto vae.

João Verdades.

O REI D. PEDRO V DO CONGO — Fallecido em S. Salvador do Congo

(Segundo uma photographia do major sr. João Carlos Ribeiro)

Adolpho, Modesto & C.ª — Impressores. — Rua Nova do Loureiro, 25 a 43 — Lisboa